

## **Amor e Pátria, de Joaquim Manuel de Macedo**

### **Fonte:**

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Amor e Pátria*. Rio de Janeiro : Funarte, 1979. p. 149-172 (Clássicos do Teatro Brasileiro).

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo  
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

Claudia de Moura Leite Ribeiro – São Paulo/SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)> e saiba como isso é possível.*

# **AMOR E PÁTRIA**

## **Joaquim Manuel de Macedo**

### **Personagens:**

Plácido  
Prudêncio  
Luciano  
Velasco  
Afonsina  
Leonídia  
Senhoras e Cavalheiros  
Povo

A ação se passa no dia 15 de Setembro de 1822.

## **Drama em Um Ato**

### **ATO ÚNICO**

O teatro representa uma sala ornada com luxo e esmero em relação à época. Duas portas ao fundo, uma dando saída para a rua, e outra comunicando com uma sala; portas à direita; janelas à esquerda.

### **CENA PRIMEIRA**

PLÁCIDO, PRUDÊNCIO, LEONÍDIA e AFONSINA, que observa curiosa uma caixa que está sobre uma cadeira, e a porta da sala do fundo que se acha fechada.

**Plácido** – Ela já nem pode disfarçar a curiosidade que a atormenta; tem andado em volta da caixa mais de quatro vezes.

**Leonídia** – Coitadinha! Aquilo é tão natural na sua idade...

**Prudêncio** – Acrescente-lhe: e no seu sexo... Nunca vi pais tão desfrutáveis!

**Plácido** – Agora lá vai ela direitinha olhar pelo buraco da fechadura da porta: então que disse eu?...

**Leonídia** – Faz-me pena vê-la assim martirizando-se.

**Plácido** – É para que no fim ainda mais agradável e completa lhe seja a surpresa.

**Prudêncio** – E vocês acham muito bonito o que está fazendo minha sobrinha?...

**Plácido** – Então que lhe acha, senhor tenente rabugento?...

**Prudêncio** – Nada: apenas uma comédia em que uma sala trancada e uma caixa fechada fazem lembrar o pomo vedado, e em que Afonsina representa o papel de Eva e minha irmã e meu cunhado o da serpente tentadora ou do diabo, que é a mesma coisa.

**Leonídia** – Este meu irmão tem lembranças felizes!

**Prudêncio** – Vocês não de acabar por perder completamente aquela menina! O senhor meu cunhado com as idéias que trouxe da sua viagem à França e a senhora minha irmã com a sua cegueira de mãe extremosa, deram-lhe uma educação como se a quisessem para doutora de borla e capelo: fizeram-na aprender tudo quanto ela podia ignorar, e a deixaram em jejum a respeito do que devia saber. Assim, minha sobrinha dança melhor do que as bailarinas do teatro de S. João; toca o seu cravo a ponto de admirar ao padre José Maurício: canta e gorjeia que parece um dos italianos da capela real; conversa com os homens como se eles fossem mulheres; é capaz de discutir sobre teologia com Frei Sampaio, e sobre arte militar com o general Corado; mais se lhe perguntarem como se toma ponto a uma das meias, como se prepara um bom jantar, como se governa uma casa, espicha-se completamente: eu até aposto que ela não sabe rezar.

**Leonídia** – Afonsina é um tesouro de talentos e de virtudes, e você na passa de uma má língua.

**Prudêncio** – Oh! Pois não! Nem os sete sábios da Grécia lhe dão volta! Ela faz versos como o defunto padre Caldas; fala em política e é tão eloqüente como o Antônio Carlos; é tão revolucionária como o Barata... Não sei por que ainda não quis se deputado às cortes!...

Havemos de lá chegar: creio, porém, que já escreve seus artigos para o *Reverbero*, e que para isso está de inteligência com o Ledo e o padre Januário: até bem pode ser que vocês já a tenham feito pedreira livre, e que a menina fale com o diabo à meia-noite.

**Afonsina** (Vem à frente) – Minha mãe...

**Leonídia** – Que tens, Afonsina? Pareces-me triste...

**Plácido** – É verdade, minha filha: que quer dizer esse ar melancólico no dia dos teus anos, e quando te preparamos uma bela festa?...

**Afonsina** – É que ...eu...meu pai, eu não posso mais...

**Prudêncio** – *Talis arbor, talis fructus!* De um casal sem juízo na podia nascer senão uma doidinha.

**Leonídia** – Mas que te falta, dize?

**Afonsina** – Ah! Minha mãe, aquela sala e esta caixa atormentam-me, exasperam-me...

**Prudêncio** – Andem depressa...andem...satisfaçam a curiosidade da menina, antes que ela arranje algum faniquito.

**Plácido** – E que tens que ver com aquela sala e com essa caixa?...

**Afonsina** – É uma curiosidade bem natural: esta caixa, que está fechada, talvez contenha algum objeto interessante, e aquela porta, que e sempre esteve aberta e que hoje amanheceu trancada, encerra necessariamente algum mistério, e portanto...

**Prudêncio** – Vamos à conseqüência, que há se ser sublime!...

**Afonsina** – A conseqüência, meu tio?... Ei-la, aí vai:

Deixar de ser curiosa  
Por certo não está em mim:  
É pecado feminino,  
Por força hei de ser assim.

O que em todas se perdoa,  
Também se desculpe em mim:  
Mamãe sabe que as mulheres  
São todas, todas assim.

Mamãe, aquela caixa,  
Papai, aquela sala,  
Encerram um segredo  
Que o meu sossego abala.

*Juntamente*

**Afonsina-**

Saber desejo  
O qu'ali'stá;  
Eu sou teimosa,  
Sou curiosa  
Sou caprichosa,  
Sou ardilosa,  
Serei vaidosa;  
Mas não sou má.

**Plácido e Leonídia -**

Ninguém lhe diga  
O qu'ali'stá;  
Será teimosa  
E curiosa,  
E caprichosa,  
E ardilosa;  
Será vaidosa:  
Mas não és má.

**Prudêncio -**

Ninguém lhe diga  
O qu'ali'stá;  
Tu és teimosa  
E curiosa,  
E caprichosa,  
E ardilosa,  
Muito vaidosa,

E também má.  
Não foras tu mulher, minha rica sobrinha!

**Afonsina** – Meu tio, não é muito que eu tenha um defeito que é comum nas mulheres, quando falta à vossa mercê uma das primeiras virtudes dos homens.

**Plácido** – Afonsina!

**Prudêncio** – Deixem falar a retórica; diga lá, minha senhora: qual é então essa virtude que me falta?

**Afonsina** – É a coragem, meu tio.

**Prudêncio** – Ora, fico-lhe muito obrigado! Sou um grandíssimo poltrão, porque não entro em revoluções nem em bernardas, e guardo a minha espada de tenente de ordenanças para as grandes crises e os momentos supremos?

**Afonsina** – Então é bem para rezear que a sua espada fique eternamente na bainha.

**Prudêncio** – Pode fazer o favor de dizer por quê?

**Afonsina** – É bem simples: é porque vossa mercê nem considera momento supremo aquele em que se trata da regeneração e da independência da pátria.

**Prudêncio** – E eu creio que era mais próprio da senhora ocupar-se com bilros e agulhas, do que com independências e regenerações políticas: uma mulher metida em negócios do Estado, é capaz de transformar a nação em casa de Orates.

**Afonsina** – Porém, meu tio, olhe que nem por isso o momento deixa de ser supremo, e é preciso que nos dê provas do seu valor.

**Prudêncio** – Provavelmente quer que eu deite a correr pelas ruas, dando vivas ao que não entendo e morras a quem nunca me fez mal, e que me exponha a ter a sorte do Tiradentes, como está fazendo o seu querido Luciano, que é um doido de pedras.

**Leonídia** – Mano Prudêncio, atenda ao que diz!

**Plácido** – Luciano cumpre o seu dever: a causa que adotou é a de sua pátria, e se morrer por ela será um mártir, um herói; nunca, porém, um louco.

**Prudêncio** – Pode-se bem servir à pátria sem fazer traquinadas.

**Afonsina** – É verdade; meu tio tem razão: Luciano é um louco, e ele um homem de muito juízo, de uma bravura e de um patriotismo como nunca vi!

**Prudêncio** – A senhora parece que quer divertir-se comigo?

**Afonsina** – Eu quero somente recordar agora alguns fatos. A nove de janeiro deste ano, o senado da câmara foi, em nome do povo, representar ao príncipe contra a sua retirada do Brasil; não houve um só patriota que não corresse ao largo do Paço; meu tio, o momento era supremo e quando se ouviu repetir o glorioso – Fico – do Príncipe, o primeiro que o saudou com um viva entusiástico foi Luciano, e entre aqueles que responderam a esse brado patriótico, ouvi dizer que não se achava meu tio.

**Prudêncio** – Estava retido em casa com um ataque de maleitas.

**Plácido** (*A Leonídia*) – Afonsina esqueceu-se da sala e da caixa.

**Leonídia** (A Plácido) – Pois se foram ofender o seu Luciano!

**Afonsina** – Dois dias depois, a onze de janeiro, Avilez e as tropas lusitanas ocuparam o morro do Castelo; a luta parecia dever começar; os brasileiros correram para o campo de Santana e Luciano foi o chefe de uma companhia de voluntários. Meu tio, o momento era outra vez supremo, e ouvi dizer que vossa mercê não apareceu durante três dias.

**Prudêncio** – Estava de erisipela, senão veriam!

**Plácido** (A Leonídia) – Olha a cara com que está o mano Prudêncio.

**Leonídia** (A Plácido) – Bem feito: é para não ser bazófilo.

**Afonsina** – Mas Avilez retirou-se com os seus para a Praia Grande; o perigo não tinha ainda passado, e no campo do Barreto reuniram-se as milícias brasileiras e as falanges dos patriotas: Luciano, à frente dos seus bravos companheiros, lá se achou pronto para o combate e fiel à causa da pátria. Ah! Meu tio, o momento era de novo ou continuava a ser supremo, e eu ouvi dizer que não houve quem pudesse descobrir onde vossa mercê se escondia.

**Prudêncio** – Achava-me atacado de reumatismo nas pernas.

**Afonsina** – Ah! É que vossa mercê é um compêndio de todas as moléstias, e eu tenho reparado que sempre adoce a propósito!

**Prudêncio** – Eu sou o que diz o meu nome: Prudêncio! O homem da prudência; não hei de nunca desonrar a minha espada de tenente de ordenanças em bernardas de pouco mais ou menos; chegue, porém, o dia de uma grande e verdadeira batalha, em que haja cargas de cavalaria, descargas de infantaria, trovoada de artilharia, e verão como brilho no meu elemento!

**Afonsina** – Com vossa mercê na batalha há de haver por força uma carnagem horrorosa!

**Plácido, Leonídia e Afonsina**, *juntamente*.

Se os tambores rufassem deveras,  
À peleja os guerreiros chamando,  
O tenente Prudêncio, chorando,  
Fugiria medroso e poltrão.

**Prudêncio** – Não! não! não!

Se os tambores rufassem deveras,  
À peleja os guerreiros chamando,  
Meu ginete veloz cavalgando,  
Eu voara com a espada na mão.

Façam de conta  
Que negra afronta  
Sem mais tardar  
Corro a vingar.  
A uns degolo,  
Outros esfolo,  
Outros imolo,  
Sem trepidar.  
Zás! Cutilada!  
Zás! Estocada!  
Zás! Pistolada!

Sem descansar:  
E derribando,  
E cutilando,  
E decepando  
Sem respirar,  
Só me detenho  
No fero empenho,  
Quando não tenho  
Mais quem matar.

*(Ouve-se o rufar de tambores)*  
*(Assusta-se)* Misericórdia! Que é isto?

**Plácido, Leonídia e Afonsina** – Avante! Avante! Prossiga!  
Chama o tambor os guerreiros!

**Prudêncio** – Estou com dor de barriga.

**Leonídia** – Que tremor é esse, mano Prudêncio? dir-se-ia que tem medo!

**Prudêncio** – Não é medo, não; mas vocês sabem que eu sou muito nervoso, e assim...um rufar de repente...

**Afonsina** *(Que tem ido à janela)* – Sossegue, meu tio: é apenas a guarda do paço que se vai render.

**Prudêncio** – E quem foi que se assustou aqui?

O rufo dos tambores  
Exalta o meu valor  
Com a durindana em punho,  
Nas asas do furor,  
Eu levo aos inimigos  
A morte e o terror.

**Plácido, Leonídia e Afonsina**, *juntamente*

O rufo dos tambores  
Abate o seu valor;  
Não sabe mais da espada,  
Tem medo e não furor,  
E em dores de barriga  
Disfarça o seu terror.

**Afonsina** – Realmente, meu tio, vossa mercê vale os doze Pares de França juntos!

**Prudêncio** – Eu sou assim; sou o homem das grandes ocasiões!

## CENA II Os precedentes e Luciano

**Luciano** – Mas o pior é, tio Prudêncio, que as suas grandes ocasiões não chegam nunca.

**Prudêncio** – Ora, eis aí o senhor espalha-brasas conosco! Faça coro ali com a senhora, e venha também divertir-se comigo.

**Luciano** – Nada de amofinar-se; o dia de hoje é de festa, e portanto não se enfade.

**Plácido** – Entretanto, vejo-te de chapéu na mão, e disposto a roubar a Afonsina algumas horas de um dia, que deveria ser todo consagrado a ela.

**Luciano** – Meu pai, eu conto com o perdão de Afonsina e com o seu, asseverando que somente motivos da mais grave importância me obrigam a sair por uma hora.

**Prudêncio** – Oh! Pois não! O senhor anda sempre ocupado com assuntos da mais elevada transcendência; não há bernarda em que não entre, nem revolucionário a quem não conheça; agora então vive sempre pelas grimpas; frequenta a casa do advogado Rocha, já é maçom, e ainda ontem foi duas vezes à casa do ministro José Bonifácio.

**Plácido** – Muito bem, Luciano! Muito bem! Estas amizades fazem a tua glória: vai, meu filho, e continua a proceder como até aqui. (*Tocam cornetas*)

**Prudêncio** – Pior vai ela! Que diabo de tempo em que a cada instante se ouvem os ecos das cornetas e o rufar dos tambores!

**Luciano** – Creio que hoje deve ter lugar algum acontecimento importante; o nosso magnânimo Príncipe está a chegar de S. Paulo; mas...tio Prudêncio, por que não vai saber que novidades há?

**Prudêncio** – Pensa que tenho medo? ... pois vou imediatamente. (*À parte*) Hei de pôr a cabeça na rua; mas, pelo sim, pelo não, deixarei o corpo no corredor. (*Vai-se*)

**Luciano** - Meu pai, procurei um meio de afastar o tio Prudêncio, porque antes de sair preciso dizer-lhe duas palavras em particular.

**Leonídia** – Visto isso, também devemos retirar-nos?

**Luciano** – Por um instante só, minha mãe.

**Leonídia** (*A Plácido*) – Acho Luciano hoje mais sério do que costuma mostrar-se.

**Luciano** (*A Afonsina*) – Afonsina, eu voltarei nas asas do amor.

**Afonsina** (*A Luciano*) – Nunca sem tardar muito para a minha saudade.

**Leonídia** – Vem, Afonsina. (*Vai-se*)

**Afonsina** (*À parte*) – E ainda não sei o que contém a caixa nem a sala. (*Vai-se*)

### **CENA III** **Plácido e Luciano**

**Plácido** – Estamos sós, Luciano, e eu confesso que estou ansioso por saber que espécie de confidência me queres fazer.

**Luciano** – Meu pai, é força que eu lhe dirija uma pergunta, que aliás considero desnecessária. Oh! Por Deus o juro: não duvido, nem duvidei jamais da única resposta que vossa mercê vai dar-me; mas... julgou-se...é essencial que eu a ouça da sua boca.

**Plácido** – Excitas a minha curiosidade e começa a desassossegar-me: Fala.

**Luciano** – Algum dia... vossa mercê se pronunciou contra o Príncipe e contra a causa do Brasil?...Mandou alguma vez socorros ou comunicações a Avilez quando ele esteve na Praia Grande, ou o aconselhou a resistir às ordens do Príncipe?

**Plácido** – Luciano! És tu que me devias fazer uma tal pergunta?

**Luciano** – Não...não...eu bem o sei, eu o conheço, meu pai sinto que o ofendo: mas acredite que era indispensável que eu lhe fizesse esta pergunta, como é indispensável que eu ouça um – não – pronunciado pela sua boca.

**Plácido** – É possível!

**Luciano** – Oh! Responda-me por compaixão!

**Plácido** – Pois bem: pela minha honra, pela honra de minha mulher, pela pureza de minha filha, eu te afirmo que não.

**Luciano** – Obrigado, meu pai! Mil vezes obrigado! Nestas épocas violentas, nestes dias de crise, há às vezes quem duvide da consciência mais pura e da probidade mais ilibada; oh! mas a pátria de seus filhos é também a sua pátria e...oh meu Deus! Que imensa felicidade me inunda o coração! (*Abraça Plácido*)

**Plácido** – Sim! Eu amo o Brasil, como o mais patriota dos seus filhos!

**Luciano** – Tocamos a hora suprema, meu pai! O Príncipe chegará de São Paulo talvez hoje mesmo; a última carta vai ser jogada, e o Brasil será contado entre as nações do mundo. Oh! sinto abraçar-me a chama do patriotismo! O Grito de liberdade e da independência soa já em meus ouvidos e em meu coração! Meu pai, um dia de glória vai brilhar para a minha pátria, e se combate houver, e se nele sucumbir teu filho, não o lamentos, porque morrerei a morte dos bravos, defendendo a mais santa das causas e mais bela das pátrias!

**Plácido** – Sim! Avante! Avante! avante!(*Abraçam-se; soam trombetas*)  
Soam de novo as trombetas...Que será?

**Luciano** – A trombeta belicosa  
Chama os bravos à peleja!  
Infame, maldito seja  
Quem recusa combater.

Da liberdade da pátria  
A causa é sagrada e bela;  
É honra vencer com ela,  
Honra por ela morrer.

Quebrar da pátria o jugo  
É dos heróis a glória:  
Às armas, brasileiros;  
A morte ou a vitória!

#### CENA IV

**Plácido** (*Só*) – Como é sublime o grito do patriotismo! Mas esta pergunta que Luciano acaba de fazer-me envolve talvez algum sinistro mistério!...embora! tenho a minha consciência tranqüila; para longe as idéias tristes: o aniversário natalício da minha Afonsina seja todo de alegria e de ventura...e é já tempo de revelar o segredo da caixa e da sala: Leonídia! Afonsina! Então que é isso?...querem ficar lá dentro dia inteiro?



**CENA V**  
**Plácido, Leonídia e Afonsina**

**Leonídia** – Plácido, Afonsina ainda não me deixou sossegar um instante, e quer por força que eu lhe revele o nosso segredo.

**Plácido** – Tens então muita vontade de saber o que encerra esta caixa e que se acha naquela sala?

**Afonsina** – Oh! muita, meu pai... e também para martírio já é bastante.

**Plácido** – Pois bem: eis aqui a chave da sala; abre a porta e olha. (Dá a chave, Afonsina vai ver) Que vês?...

**Afonsina** – Um altar!...para que se armou aqui um altar?

**Plácido** (*O mesmo*) – Abre agora a caixa; aqui tens a chave.

**Afonsina** – Ah!

**Leonídia** – Que encontraste na caixa, Afonsina!...

**Afonsina** – Um vestido...um véu...e uma coroa de noiva...

**Leonídia** – E não sabes a quem devem pertencer?...

**Afonsina** – Minha mãe ...eu não sei...

**Plácido** – Afonsina, minha Afonsina: não te lembras que ao receber cheio de júbilo o pedido de tua mão, que nos fez Luciano, eu exigi que o dia do casamento fosse marcado por mim?...Pois esse dia feliz é hoje, hoje, que também é o dia dos teus anos e que será o mais belo da minha vida!

**Afonsina** – Meu pai!...minha mãe!...

**Leonídia** – Estás contente, Afonsina?...Oh! mas atua alegria não excede a que enche o coração de tua mãe!...

**Prudêncio** (*Dentro*) – Então já está descoberto o segredo?... Pode-se cumprimentar a noiva com todos os ff e rr do estilo?

**Plácido** – Sim ...sim...Afonsina já abriu a caixa e a sala.

**Prudêncio** – em tal caso, avanço com o meu batalhão...avante, camaradas!

**CENA VI**  
**Os precedentes, Prudêncio, cavalheiros e senhoras**

**Coro** – Salve o ditoso

Dia propício  
De natalício  
E de himeneu

Salve, mil vezes,  
Noiva adorada,  
Abençoada  
Por Deus no céu.

*(Plácido cumprimenta; as senhoras cercam Afonsina, etc)*

**Plácido** – Obrigado, meus senhores, obrigado!

**Prudêncio** – Muito bem! Excelentemente; e agora queira Deus que o encanto do casamento, que põe a cabeça à roda a todas as moças, queira pelo contrário dar à minha sobrinha a única coisa que lhe falta, isto é, o juízo no seu lugar.

**Leonídia** – Mano Prudêncio, você esquece o respeito que deve à princesa da festa.

**Prudêncio** – Pois se eu tenho a cabeça completamente aturdida com os tambores que rufam lá fora, e com os parabéns e alegrias que fervem cá dentro! não sei como hei de haver! Na praça a guerra, que é o meu elemento, e em casa um casamento que e faz encher a boca d'água. Olhe: até me havia esquecido de lhe entregar uma carta, que há pouco veio trazer um criado da nossa prima, a mulher do intendente da polícia.

**Leonídia** – Uma carta do intendente?...Que novidade haverá?

**Plácido** – Aposto que adivinhou o casamento de Afonsina...

**Leonídia** (*Lendo*) – Meu Deus!...

**Plácido** – Leonídia muda de cor e treme!...Que será?

**Prudêncio** – A cartinha, pelo jeito, parece mais um convite de enterro, do que carta de parabéns: quem sabe se não é notícia de alguma bernarda?...Ora, que não se pode ter sossego neste tempo de revoluções!...tomara que eu levasse o diabo a todo o patriota que não é como eu amigo do cômodo.

**Plácido** – Recebeste, por certo, uma notícia desagradável...

**Afonsina** – Minha mãe, que há?

**Leonídia** – Que há de ser?...Minha prima se mostra ressentida, porque não a prevenimos do teu casamento; queixa-se de mim, e declara-se enfadada; mas vou já obriga-la a fazer as pazes comigo; voltarei dentro em pouco; no entanto, minhas senhoras...

**Prudêncio** – As honras da casa ficam por minha conta: minhas senhoras, aquela porta dá caminho para o jardim; aquela, meus senhores, abre-se para uma sala de jogo: às senhoras as flores, aos homens as cartas! Vamos... (*Repetem o canto e vão-se*)

## CENA VII Plácido e Leonídia

**Plácido** – Houve há pouco uma pessoa, a quem não conseguiste enganar, Leonídia.

**Leonídia** – Nem tive esse pensamento, meu amigo; lê esta carta; mas lembra-te de que hoje é o dia do casamento de nossa filha: tem coragem e prudência.

**Plácido** (*Lendo*) – “Cumpro um dever de amizade e prevenindo-te de que teu marido foi denunciado como inimigo do Príncipe e da causa do Brasil; o governo toma medidas a esse respeito; o denunciante, cujo nome não te posso confiar, é um moço ingrato e perverso, que deve tudo a teu marido, que o acolheu em seu seio e tem sido o seu constante protetor. Vês bem que este aviso, que te dou, pode, se chegar ao conhecimento do governo, comprometer ao intendente. Fala-se na deportação do senhor Plácido; mas há quem trabalhe em seu favor. Adeus.” Infâmia!

**Leonídia** – Silêncio...

**Plácido** – Mas é uma horrível calúnia que me levanta!

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

